

Uma experiência metodológica de estudos no ensino de filosofia no ensino médio

David Velanes de Araújo¹²

Angela Maria Costa¹³

Resumo

Este estudo teve o objetivo de socializar a experiência metodológica de um grupo de estudos filosóficos sobre a condição humana em uma escola pública de Belo Horizonte-MG. Nas reuniões, foi adotado o método dialógico, que é o método socrático por excelência, o que melhor se adequa para o ensino de filosofia, visto que é pelo diálogo que se problematiza, se gera reflexão e construção de conceitos sobre a realidade humana. Apesar de várias dificuldades encontradas, constatou-se o engajamento do pensamento crítico e conscientização dos educandos sobre a condição humana. O melhor resultado alcançando nesta experiência foi o de que o estudante da educação básica pode reconhecer que os obstáculos na vida são aspectos da condição humana e que precisam ser superados com determinação.

Palavras-chave: Ensino, Metodologia, Filosofia.

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude!

Immanuel Kant

Introdução

Em 2008, o Decreto nº 11.684 modificou as Leis e Diretrizes para a Educação Básica – LDB, acrescentando o inciso IV que se refere à inclusão da Filosofia e da Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio (BRASIL, 2008), tornando, assim, o ensino de filosofia um problema não apenas filosófico, mas também político, e não só como uma questão pedagógica (CERLETTI, 2008). Segundo a LDB, o estudo de Filosofia no ensino médio deve contribuir para o aprimoramento do educando, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, e também para o

¹²Professor de Filosofia na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. E-mail: dvelanes@gmail.com

¹³Professora de Arte da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. E-mail: arteetraame2003@yahoo.com.br

exercício da cidadania (BRASIL, 1996). Por isso, o Parâmetro Curricular Nacional – PCN – também destaca que é preciso adquirir a habilidade para contextualizar os conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto no plano pessoal, no entorno social, político, histórico e cultural (BRASIL, 2000).

O Estado de Minas Gerais trabalha com uma carga horária de 40h/aula a ser cumprida pela disciplina de Filosofia, distribuída durante todo o ano letivo tendo como consequência apenas uma aula semanal por turma, em cada série do ensino médio. Portanto, a ideia de criação de um grupo de estudos em filosofia teve aí seu ponto de partida. Isto é, ampliar em termos de carga horária os estudos em filosofia, já que a metodologia utilizada no grupo, teoricamente, deve ser a mesma a ser trabalhada em sala de aula.

Prioritariamente, a formação do grupo de estudos em filosofia teve o objetivo de estudar, analisar e discutir conceitos acerca da História da Filosofia, a fim de possibilitar a criação de conceitos sobre os temas em discussões, porque é dessa forma que os alunos participam e desenvolvem a experiência filosófica.

Gallo e Aspis (2009), ressaltam através de Foucault, que a experiência filosófica seria como exercitar a si mesmo pelo pensamento, como uma tarefa de pensar sobre si, que tem como consequência o nosso crescimento pessoal e possibilita mudanças em nós como seres humanos. O ensino médio se enquadra de maneira importante nessa tarefa, já que se trata de uma fase de consolidação do jovem, de seu ser e sua essência e projetos de vida. Consequentemente, a filosofia possui um papel importante nessa colaboração.

A temática de estudos no grupo foi voltada para o pensamento crítico-filosófico sobre a condição humana, fundamentalmente com um olhar para a questão da “felicidade”. Por conseguinte, a filosofia deve começar ajudando o educando a tomar consciência da finitude da vida e da inevitabilidade da morte do qual o ser humano teme e se angustia. Então é preciso refletir sobre a condição humana e também sobre o ser humano em relação a si mesmo (KNELLER, 1966). Sendo assim, atentou-se estudar a ideia de felicidade desde a filosofia grega até os dias atuais, perpassando por vários pensadores.

O estudante da Educação Básica precisa reconhecer que a frustração e o conflito não são coisas indesejáveis que seja preciso evitar a qualquer custo, como a cultura impõe. É preciso reconhecer que a frustração e o conflito são aspectos da condição humana como inerente ao mundo (BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2007). Com efeito, a escola deveria trazer a familiarização ao educando sobre a dualidade da vida humana onde de um lado existe a dor, o sofrimento, o terror e do outro a beleza, o êxtase e a alegria. “Como o significado da existência preside no próprio homem, o estudante deve usar o seu conhecimento de realidades externas para congraçar-se mais completamente com a sua própria natureza”. (KNELLER, 1966, p. 89).

Dessa forma, a importância de um grupo de estudos filosóficos se justifica por estender os estudos de filosofia no ensino médio, além de seu ensino potencializar o estímulo para o pensamento crítico sobre o mundo, a vida e a existência. Em outras palavras, a

relevância de um grupo de discussão supera para além das aulas obrigatórias de filosofia a oportunidade de iniciar o estudante na reflexão filosófica sobre questões importantes de sua realidade.

Educar é mais do que impor erudição e conhecimento, por isso educar é uma tarefa no sentido filosófico. Assim, precisamos pensar qual é o caráter e função da filosofia dentro do contexto escolar, porque tanto a filosofia como a educação possui a tarefa de colocar o homem diante de sua condição no mundo, mas prioritariamente diante de si mesmo e do outro (ANDRADE, 2008). Deste modo, concordamos com palavras de Edgar Morin (2000, p. 78) quando afirma que “a consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiseração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos”.

Descrição e análise do trabalho

O projeto do grupo de estudos se desenvolveu na Escola Estadual Santos Dumont localizada na Rua Alcides, 502 – Venda Nova, em Belo Horizonte-MG. Trata-se de um município com 2,4 milhões de habitantes, em 2010, e, com outros 33 municípios, a capital mineira forma a Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG, 2010).

A escola supracitada oferece apenas o ensino médio regular e a educação de jovens e adultos – EJA. De acordo com o Censo Escolar de 2013, a escola tinha 2050 alunos matriculados em três turnos de funcionamento (manhã, tarde e noite), respectivamente 1^a, 2^a e 3^a das séries do ensino médio. No turno da noite, também funcionavam duas turmas de EJA. A escola ocupa uma área de 6.000m² e foi inaugurada no dia 1º de janeiro de 1933. Possui 17 salas de aula em condições de funcionamento, mobiliário adequado, refeitório, laboratório de informática com acesso à rede internet através de banda larga e biblioteca, além de outros equipamentos multimídia. Entretanto, o número de salas de aula é insuficiente para suprir a demanda. Por se tratar de uma escola modelo, todas as turmas são lotadas, cada uma com aproximadamente 40 alunos. Assim, a insuficiência de espaço é também notada nas áreas de recreação, embora exista uma quadra poliesportiva com cobertura e arquibancadas medianamente estruturadas.

A proposta para participação no grupo foi feita aos alunos do 3º e 2º anos apenas, exigindo como critério o desejo de discutir filosofia, isto é, de filosofar. Na primeira reunião do grupo, inicialmente com doze alunos do 3º ano e dois professores, e posteriormente com oito alunos, foi decidido os dias de encontro, horário e criação de um grupo em uma rede social, a fim de possibilitar a comunicação e socialização de pesquisas, ideias e materiais de estudos. Assim, as reuniões se mantiveram em uma vez por semana, durante toda quarta feira em contraturno. Deste modo, a questão a ser discutida era sugerida pelo grupo a partir das discussões levantadas na reunião anterior.

Nas reuniões, foi adotado o método dialógico, que é o método socrático por

excelência, e o que melhor se adequa para o ensino de filosofia, visto que é pelo diálogo que se problematiza, e se gera reflexão e construção de conceitos (MESQUIDA et al, 2003; ASPIS e GALLO, 2009). Assim, distanciou-se de uma prática educativa tradicional, e muito menos filosófica, sem pré-estabelecer conteúdos específicos, pois, a prática educativa “problematizadora é dialógica por excelência, e este conteúdo, que jamais é ‘depositado’, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores” (FREIRE, 1987, p. 102).

Buscou-se não tratar como “disciplinas”, mas como instrumentos de realização do indivíduo, os conteúdos programados nas reuniões anteriores para as posteriores, porque não é o educando que deve se “emoldar” à matéria estudada, mas pelo contrário, a matéria que deve se sujeitar a ele. Haja vista, não pode haver estudo dirigido, pois o estudante através do uso de sua liberdade escolhe o que aprende e o que fazer com aquilo que faz sentido para si mesmo, pois afinal, é ele quem decide sobre o seu próprio caminho (KNELLER, 1966). Para tanto, cada estudante deveria fazer uma pesquisa bibliográfica de textos filosóficos, científicos ou produções artísticas (poesias, músicas, vídeos, pinturas etc.), seguidas de sua leitura. Assim, foi possível fazer um diálogo entre a filosofia e as outras áreas do saber, buscando estabelecer a interdisciplinaridade no sentido de desconstruir o paradigma cartesiano da fragmentação do conhecimento.

Indubitavelmente, os professores possuem a função de atuar na implantação de práticas interdisciplinares dentro da escola, e é nessa perspectiva que “[...] a reforma [do conhecimento] deve se originar a partir dos próprios educadores e não do exterior” (MORIN, 2002, p. 35). Trabalhar a relação entre a filosofia e as demais áreas corresponde ao questionamento feito pelos PCNs quando se referem aos diferentes campos do conhecimento produzido por uma abordagem que não leva em conta a relação entre si, e também quando questiona a visão fragmentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, e que se constituiu historicamente (BRASIL, 2000).

Acredita-se que a metodologia utilizada, estimulando a liberdade da pesquisa, pode instigar a autonomia intelectual entre os estudantes do grupo. Por isso, se tentou a elaboração de um projeto de pesquisa sobre um tema, no sentido de iniciar os alunos participantes do grupo no processo científico de pesquisa. Para isso, o foco era desenvolver como habilidades a capacidade de discussão, reflexão e argumentação crítica, de produção de síntese, da identificação da linguagem e espírito filosófico em relação às outras áreas do saber, e a articulação entre o saber filosófico e a realidade, como habilidades e competências.

Dificuldades e resultados

Mesmo com o interesse dos alunos participarem por si mesmo dos encontros, pode-se relatar várias dificuldades, a saber, que alguns professores descrentes do Projeto criticaram o trabalho dos alunos se reunirem fora do horário escolar. Parte do corpo docente questionou:

“pra quê se fazer isso?”. Tal falta de apoio causou desmotivação em alguns estudantes que tinham interesse em participar do grupo.

Situar a filosofia como disciplina no horizonte escolar e dos problemas contemporâneos, que são científicos, tecnológicos, éticos, políticos, artísticos e culturais, nos leva a perguntar por sua contribuição específica ao lado das demais disciplinas (FAVARETTO, 2008). Esta indagação parece ainda pouco compreendida no contexto escolar pelos diversos profissionais que aí interagem, rejeitando ou hierarquizando as disciplinas escolares dando valor a umas mais que a outras. Isso revela um problema ético-pedagógico do conhecimento, visto que todas as disciplinas devem contribuir – e contribuem – igualmente para a formação humana do educando.

Ocorreram várias trocas de professores de filosofia no decorrer do ano letivo, dificultando, portanto, que o trabalho fosse contínuo. Outra dificuldade a ser destacada também é que as escolas públicas, em grande maioria, em suas bibliotecas não possuem livros ligados à área, e mesmo com sala de computadores não nos foi permitido usá-la para tais pesquisas, pois na verdade, percebemos que a própria escola não apoiava a ação, de modo que não foi oferecido nenhum material de suporte e nem transporte para o deslocamento do grupo para as IV Olimpíadas Latino-americana de Filosofia que ocorreu na Pontifícia Faculdade Católica de Minas Gerais – PUC MINAS, ainda que os estudantes se mostraram interessados em participar deste encontro, produzindo um texto que foi apresentado e intitulado de *O Conhecimento Moral Justificável em John Rawls*.

Mesmo com as grandes dificuldades supracitadas, obtivemos um ótimo resultado. Haja vista que, o texto produzido foi demasiadamente coerente e questionador dentro do solicitado no tema do evento, a saber, *Que conhecimento é possível numa era de incertezas?*. Os alunos apresentaram, de forma crítica, o trabalho a outras escolas (grande maioria instituições particulares), de outros estados e países da América Latina que ali estavam, e foram aplaudidos. Acreditamos que esse foi mais um aspecto relevante e formativo nos estudantes do grupo, a saber, a capacidade de elaborar crítica. Já que:

A crítica surge da capacidade dos alunos em formular questões e objeções de maneira organizada, e o quanto possível rigorosamente conceitual [...] a crítica, como processo reflexivo, não é um conhecimento expositivo, u saber positivo sobre um mundo e muito menos uma percepção: é uma interpretação, que exige perspectiva de análise, sistemas de referencia e práticas discursivas adequadas (FAVARETTO, 2008, p. 50).

Podemos também concluir que a busca de superar os obstáculos e limitações para ampliar os estudos, já que os alunos faziam pesquisas via internet em casa, postavam no grupo de estudo filosófico virtual, e depois levavam para os encontros de quarta-feira as ideias e conclusão de estudo de cada um, sentiram necessidade de mais, como livros, então

procuramos estudantes da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) que se disponibilizaram em ter encontros aos sábados, enriquecendo os estudos e nos subsidiando com mais textos, livros e até data show. Os alunos desenvolveram a habilidade de pesquisa acadêmica, isto é, se iniciando na metodologia científica e no ato filosófico de buscar respostas. Por isso, reafirmamos com (Bauman 1998; Birman 2007), que o melhor resultado alcançando nesta experiência é que o estudante da educação básica deve reconhecer que os obstáculos não são coisas indesejáveis que seja preciso evitar a qualquer custo. É preciso reconhecer que os obstáculos são aspectos da condição humana como inerente ao mundo e que precisam ser superados como um ato de determinação e coragem.

Submetido em abril de 2014.

Aprovado para publicação em junho de 2014.

REFERENCIAS

ANDRADE, Pedro Duarte de. Heidegger Educador. **APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista, Ano VI, n. 10. p. 57-72 2008.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BAUMAN, Zigmund. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Médica e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais + (PCN+) ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

_____. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional – LDB Lei nº 9394/96.**

CERLETTI, Alejandro. Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica In: Walter O. Kohan (Org.). **Filosofia, caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p. 19-42.

FAVARETTO, Celso. Filosofia, Ensino e Cultura.In: Walter O. Kohan (Org.). **Filosofia, caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p. 43-53.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KANT, Immanuel. **Resposta a pergunta: Que é esclarecimento?** Textos seletos. Editora Vozes: Petrópolis, RJ. 2005. p. 63-71.

KNELLER, George F. **Introdução à Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

MESQUIDA et al. Prolegômenos para uma Prática Educativa Existencialista. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 4, n.9, p.115-120, maio/ago. 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, DF: UNESCO, 2000.

_____. **A cabeça bem-feita, repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.